

Escola e Biblioteca *

ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA **

Importância e desenvolvimento da biblioteca inseridos na evolução do todo que é a Escola. Exemplos de relacionamento biblioteca-escola retirados da experiência no Colégio de Aplicação da UFMG, no período de 1957-1970. Apresenta questões para a discussão entre professores e bibliotecários.

Escola e Biblioteca foi o título que recebemos para desenvolver, como participante da comemoração da Semana Nacional da Biblioteca.

Apesar de alguma experiência, sentimos-nos intimidados ao fazer uma exposição a especialistas no assunto.

Não queremos revolver o já revolvido e nem tentar resolver o já resolvido.

Quando defendemos no ensino o conhecimento sério dos métodos tradicionais, quando insistimos em que as tentativas esparsas, e bem sucedidas, do passado, devem incorporar-se como fundamentação do novo, move-nos um sentimento de honestidade, comandado pelo espírito científico: respeito ao anteriormente vis-

* Palestra pronunciada durante a Semana Nacional da Biblioteca, em março de 1972.

** Coordenadora do Curso de Pós-graduação em Educação da UFMG. Ex-diretora do Colégio de Aplicação da UFMG.

lumbrado ou descoberto e inclinação metodológica na participação dos processos de ensaio e erro, nos hipóteses surgidas, nas buscas mais lógicas e analíticas, nas tentativas de comprovação e mesmo, porque não? nos “insights” dos mais intuitivos que nos precederam.

A familiarização com as conquistas do passado torna mais econômico o trabalho do presente. O desconhecimento da tradição leva-nos muitas vezes a pensar que estamos inovando quando simplesmente estamos repetindo.

Se essa visão diacrônica é necessária ao desenvolvimento maior de ciência e técnica, não menos necessária será a visão sincrônica. Daí a necessidade de nós, diretores e professores, procurarmos saber o que pensa a Biblioteconomia atual, aqui e além, sobre a posição da Escola diante da Biblioteca.

Há sempre possibilidade de acertar, se partirmos da realidade para o ideal, do concreto, do particular para as indagações generalizadas.

Vamos e venhamos.

Como eram as bibliotecas escolares há 50 anos atrás? Uma palavra as define: “fechadas”; não apenas o fecho físico, mas o fecho intelectual, o fecho moral e mais o fecho de preconceitos. O acesso dos jovens ao livro era um acesso por demais controlado.

Como foram rompidas as portas físicas e as portas espirituais das bibliotecas da Escola?

As mesmas causas, que revolucionaram as normas da vida, da educação, do ensino, sacudiram as bibliotecas.

Razões de fundamentação filosófica, psicológica e didática, sócio-econômica e razões de fundamentação biológica.

O progresso científico e tecnológico deu razões cada vez mais fortes para as mudanças no ensino e o

ensino pressionou, mais diretamente, mudanças de conceituação e de funcionamento das bibliotecas escolares.

Nickolaus C. Engelhardt fala-nos de motivos que forçaram a expansão da biblioteca escolar, a começar pela sua dimensão: de 1m² por pessoa há 10 ou 15 anos, passa hoje a 4 ou 5m². Seriam causas de modificações quer espaciais, quer intrínsecas:

a) o método de apresentação da matéria em conceitos diferenciados, substituindo o livro básico — se as unidades completas de estudo não cabem mais dentro de um simples livro texto, novos recursos de consulta têm de ser mobilizados; então a biblioteca cresce de tamanho para receber mais leitores e cresce em recursos de fontes de consulta para atender às necessidades de desenvolvimento dos temas;

b) desde que se concluiu que a aprendizagem é um produto de inquirições e que as inquirições e buscas exigem fontes de consulta, o movimento da biblioteca cresce para trabalhos individuais e de pequenos grupos;

c) o estudo independente e as pesquisas propriamente ditas, preconizados como método de ensino-aprendizagem exigem também, da biblioteca, espaço e novas técnicas de ação no atendimento;

d) a biblioteca não é mais, simplesmente, um lugar onde se guardam livros, é um setor de atividades, em que, aos livros em movimento, se associam todos os recursos pluri-sensoriais.

Se estamos chegando ao fim da escola formalista, o desenvolvimento da biblioteca se insere nesta evolução como parte “gestáltica” do todo que é a escola. Cada vez mais se impõe o enfoque sistêmico, dentro das organizações.

Partimos agora das considerações gerais para um encontro com a realidade que foi o nosso Colégio de Aplicação — 13 anos de direção do estabelecimento nos dão certa autoridade para ventilar o problema (pretensa autoridade?).

O fato de receber em 1957 o ginásio de Aplicação recém-fundado, com 47 alunos e o de deixá-lo, em princípio de 1970 com 800 alunos em cursos como ginásial, colegial, científico, clássico, eclético e normal, permite-nos a análise das razões do crescimento e das mudanças de nossa biblioteca.

A princípio uma estante na secretaria, e a secretária — louve-se aqui seu trabalho — exercia também a função de bibliotecária.

Em pouco tempo os livros se multiplicaram, em compras e em doações e ocuparam sala especial. Partiu-se para bibliotecária diplomada, recorreu-se a estagiária como colaboradora, conseguiu-se tempo integral para a bibliotecária, contratou-se nova auxiliar, mudou-se para sala maior e a bibliotecária-chefe — que também seja muito louvada — imprimiu um caráter novo à organização física e aos atendimentos — de manhã, à tarde e à noite.

Que forças pressionaram o desenvolvimento da biblioteca? Sem falar na própria competência profissional daqueles que vinham de uma Escola de Biblioteconomia — Escola que honra seus dirigentes e seu corpo docente — as pressões vinham da mesma renovação do ensino.

O Colégio de Aplicação não seria apenas um dos melhores da Capital. Ele tinha uma missão renovadora. Campo de observação e de treinamento dos licenciados, dos mais diferenciados cursos da Faculdade de Filosofia, deveria experimentar e aplicar os métodos da moderna pedagogia acenados ou provados e compro-

vados em países avançados no setor, e preconizados pelos mestres nacionais; deveria estabelecer um equilíbrio entre os estudos teóricos de didática, administração escolar, psicologia, dos cursos de licenciatura, e a prática profissional.

Aí já as primeiras pressões: nossa Biblioteca não se destinaria apenas a alunos da escola média, mas também a professores em exercício no Colégio e a licenciados.

O licenciando era um novo freguês da Biblioteca — que precisava resolver seus próprios problemas culturais e colaborar na solução dos problemas que enfrentaria com seus próprios alunos.

Os modernos procedimentos, técnicas e métodos postos em execução no nosso Colégio em caráter experimental já em caráter permanente — graças ao alto nível do nosso corpo docente — passaram a exigir sempre mais da Biblioteca.

A só enumeração das atividades, processos, técnicas e métodos em experiências extensivas e de profundidade, já vai demonstrar com que agressividade se forçaram as portas da Biblioteca:

trabalhos de grupo — debates — seminários;

método de projeto — estudo dirigido — instrução programada;

ensino integrado;

orientação educacional — dinâmica de grupo, psicodrama;

o teatro moderno — o teatro grego — os jornais — as sessões de auditório;

as palestras de escritores contemporâneos;

os estágios do curso normal, nas escolas da comunidade;

os estágios, no Colégio, de professores-alunos da FAFI;

os estágios, no Colégio, de bolsistas do MEC;
as exposições de pintura, os cursos extras da História de Arte, as Feiras de Ciência;
os jornais murais, mimeografados, impressos, a revista;
a projeção de filmes, slides, transparências.

Vamos escolher, alguns exemplos, para estabelecer o relacionamento de atividades do ensino renovado, com o funcionamento de nossa Biblioteca.

1) A primeira tentativa de mudança de métodos no Colégio foi a de não propriamente substituir a preleção, mas sim de complementá-la com: Trabalho de grupo — Debates — Seminários.

É fácil ver-se que, num curso todo organizado em preleção, em que o aluno toma notas e posteriormente faz provas dentro do ensinado, a Biblioteca tem função muito limitada. Servirá a esse ou aquele professor, a esse ou aquele aluno mais inquiridor que queira respostas para suas dúvidas.

Se a preleção é toda baseada nos livros de texto, como muitas vezes acontece, apenas a leitura e releitura dos capítulos do livro garantem o êxito escolar.

Já, nos trabalhos de grupo, nos debates, nos seminários, as perguntas e as interpretações da própria discussão conduzem à consultas a variadas fontes, e então o aluno terá de ler antes dos debates, ler durante os debates e ler depois dos debates. Quanto mais divergência de opiniões sobre os temas tratados, mais necessidade de leitura em novos livros.

Se o professor indica uma bibliografia, é necessário que saiba da existência dos livros na Biblioteca, que conheça os capítulos básicos, que forneça à Biblioteca uma relação bibliográfica, que se entenda com o bibliotecário quanto a possíveis substituições das indicações, que participe enfim da vida da Biblioteca.

Se a sala de aula se transforma em local de debates, ela se constitui em uma como sub-sala de trabalho da própria biblioteca, porque a cada momento surge a necessidade de novas consultas, novas informações.

2) Outra experiência nossa que dinamizou a biblioteca foi a de ensino integrado no curso ginásial com valorização instrumental de algumas disciplinas em relação a outras.

O livro texto não é suficiente para fazer-se a integração porque justamente tais livros se organizam na base de currículo de forma horizontal. Para fazer a integração tinha-se de recorrer a cada momento a livros que tratassem dos temas em profundidade, na base de um currículo organizado em forma vertical.

No ensino integrado, nem sempre é preferível o momento de encontro das disciplinas diferentes, assim cresce a necessidade de consulta a livros, não só especializados, mas a livros de referência que indiquem os caminhos da integração: dicionários, enciclopédias, catálogos — sem assistência de bibliotecário dificilmente o trabalho se realizaria.

3) A pesquisa — Se uma escola quer verdadeiramente partir para a pesquisa tem de preparar-se toda ela para usufruir dos recursos da biblioteca ou para impulsionar sua atualização.

O bibliotecário terá de não simplesmente ajudar professor e alunos na busca, mas orientá-los a fim de que eles se desembarquem e se familiarizem com as fontes de consulta e que adquiram conhecimento, tão seguros quanto possível, dos sistemas de classificação, na variedade de títulos básicos em que a matéria se subdivide, e na diversificação das fontes, tanto livros como revistas, jornais, documentos.

Muitos de nossos professores do Colégio de Aplicação caminharam com entusiasmo para o método de pesquisa — se não o de descoberta, pelo menos o de redescoberta; de pesquisa experimental nos cursos de Ciências Biológicas e de pesquisa bibliográfica nas Letras e Ciências Humanas. Inquéritos, buscas, levantamentos sacodem uma biblioteca. Se a pesquisa era mais orientada do que dirigida, então a bibliotecária tinha de multiplicar-se no atendimento, a partir do tema em questão, para descobrir livros, capítulos, verbetes, e até mesmo traduzir ou simplificar informações mais complexas.

4) Os “Estudos Dirigidos” no nosso colégio, se feitos na sala de aula, exigiam que a sala se transformasse em prolongamento da biblioteca como nos debates. Se os livros vinham para a classe, já vinham catalogados e traziam todas as indicações, preparadas entre professor e bibliotecário, na confecção dos roteiros de estudo.

5) Nosso Colégio objetivava também a formação do gosto artístico dos alunos: na literatura, no teatro associado à literatura, na pintura, na música. E podemos afirmar que não teríamos o êxito que tivemos se nossa Biblioteca não acompanhasse esses movimentos. Assim a Biblioteca participava das representações teatrais.

Quando um grupo lia, estudava, ensaiava, por exemplo, a *Antígona*, não se sentia satisfeito de ler apenas a *Antígona*. Antes da escolha da peça, determinavam-se leituras que levavam à seleção, e depois da escolha as leituras se multiplicavam pelas motivações suscitadas durante o trabalho de seleção: um autor provocava o interesse pelos similares, uma peça provocava o interesse por outra. Ainda os temas da peça condu-

ziam a novas buscas para maior compreensão e melhor interpretação. Bibliotecária e Professor se associavam no desenvolvimento das atividades.

A educação musical, experiência realizada no Colégio, em intercâmbio com a Fundação de Cultura Artística de Minas Gerais idealizada e coordenada por Berenice Menegale — de que tantos frutos se colheu, — refletiu-se também na Biblioteca na criação de novo campo de estudo: história da música, estudos críticos musicais, estudos biográficos, e na valorização dos discos.

Nossas publicações também deveram à bibliotecária sua orientação. Das normas mais simples às mais complexas: distribuição de títulos e subtítulos, organização de sumários e índices, numeração progressiva, referências bibliográficas.

Se a escola quer, realmente, imprimir às suas publicações — seja em livros, revistas, boletins, jornais, relatórios — um cunho de seriedade técnico-científica na sua composição, terá de manter entendimentos constantes com os serviços especializados do seu Bibliotecário.

6) Nosso Colégio, por ser de Aplicação e por ser Federal tinha de responder, em primeira mão, às medidas sugeridas pelo Ministério de Educação e Cultura. E assim, logo que preconizado pelos órgãos técnicos do Ministério, organizou seu Serviço de Orientação Educacional. É fácil estabelecer a relação entre o SOE e a Biblioteca, 1º, abertura de novo campo de aquisição de livros para orientadores; 2º, colaboração individual de Bibliotecário nos casos especiais indicados pelo serviço.

7) Outro setor importante da escola renovada, em que se expandiu a Biblioteca, foi a adoção no Colégio dos recursos audiovisuais, ou melhor pluri-

sensoriais; cartazes, discos, "slides", gravadores, projetores, retroprojetores, tudo em função do ensino, registrado, catalogado, distribuído através da Biblioteca. No nosso Colégio a circulação do material audiovisual era bem grande, tanto para ensino de matérias científicas como humanísticas, e especialmente no setor do ensino de línguas estrangeiras, onde se fizeram excelentes experiências.

8) O Colégio de Aplicação promoveu contatos com escritores ilustres da Capital e de fora; assim a preparação para as conferências e debates implicava na atualização da Biblioteca, atualização que se iniciava no momento do convite e continuava depois das conferências.

Poderíamos multiplicar os exemplos de relacionamento da Biblioteca com a vida da Escola. Sabemos que os bibliotecários vêm sendo bem preparados para esse relacionamento. E nós, Diretores e Professores, estamos preparando-nos também?

Parece que no Teacher's College da Universidade de Colúmbia essa preocupação é anterior ao ano de 1930, pois quando lá foram nossas professoras mineiras, pioneiras da reforma "Francisco Campos" no nosso Estado, voltaram muito bem preparadas, também no setor bibliotecário.

Poderíamos parodiar hoje a afirmação de Carlyle: "A verdadeira Escola é a Biblioteca, "the true University of these days is a collection of books/ sobretudo pela tendência de centrar a educação no processo da aprendizagem e não propriamente no ensino. Onde o aluno iria adquirir informações? Onde aprenderia a "inquirir" sobre os fatos e as informações? A biblioteca é o laboratório da pesquisa escolar, através dela se pode encorajar a iniciativa do aluno e despertá-lo para a criatividade. Assim no dizer de Helen Sheehan o

professor teria 3 funções: inspirador, guia, correlacionador das atividades. A sua função de guia se confunde com a do bibliotecário, por isso mesmo Helen Sheehan conclui que todo professor deve ser bibliotecário e todo bibliotecário deve ser professor dentro da Library-College, numa recente experiência americana. Não vamos tão longe, mas queremos neste final dar uma sugestão: Para maior entrosamento entre Escola e Biblioteca promova a Biblioteconomia círculos de estudo para professores e diretores de Escolas, em forma de palestras, debates, seminários, sobre, especialmente "o uso da biblioteca". Mais informados, os professores organizariam posteriormente em colaboração com os bibliotecários, círculos de estudo com os alunos dos estabelecimentos.

Consumidor bem informado é mais interessado e mais interessante.

E assim estaríamos tentando alcançar o objetivo previsto por Nickolaus L. Engalhardt: "Making the Library the heart of the School" fazendo realmente com que a Biblioteca se transforme no coração da Escola.

Questões para discussão, propostas
a Diretor e Professor:

- 1) Que sugestões daria V. no sentido de levar o professor ao uso eficiente da Biblioteca?
- 2) Que sugestões daria V. no sentido de tornar o aluno cada vez mais hábil no uso da Biblioteca?
- 3) Que se pode fazer no sentido de maior integração entre Diretor, Professor e Biblioteca?
- 4) O crescimento da Biblioteca facilita ou dificulta a humanização de suas atividades?
- 5) Os serviços ultra-mecanizados facilitam ou dificultam a humanização de uma Biblioteca?

6) Que motivos o levaram a ampliar a Biblioteca de sua Escola?

a Aluno:

a) Quando descobriu V. que a Biblioteca responderia a seu anseio de cultura?

b) Que dificuldades encontra V. para usar uma Biblioteca?

Importance and development of the library, inserted in the evolution of the school as a whole. Examples of relationship between library and school, taken from the experience at Colégio de Aplicação da UFMG, from 1957 to 1970. Questions to be discussed among teachers and librarians are presented.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORY, John Mackenzie. Changing patterns of public library and school library relationship. *Library Trends*, s.l., 17(4):424-33, Apr. 1969.

ENGELHARDT, Nickolaus L. Making the library the heart of the school. In:———. *Complete guide for planning new schools*. West Nyack, N.Y., Parker, 1970.

GRAZIER, Margareth Hayes. Effects of change on education for School Librarians. *Library Trends*, s.l., 17(4):410-23, Apr. 1969.

KILGOUR, Frederick G. Computerization: the advent of humanization in college library. *Library Trends*, s.l., 18(1):29-36, July, 1969.

RICHARDSON, B. E. Trends in cooperative ventures among college libraries. *Library Trends*, s.l., 18(1):85-92, July 1969.

SHEEHAN, Lister Helen. The library — college idea: trend of the future? *Library Trends*, s.l., 18(1):93-102, July 1969.